

A CONSTRUÇÃO DO QUIMÉRICO EM “O PAÍS DAS QUIMERAS (CONTO FANTÁSTICO)”, DE MACHADO DE ASSIS

CONSTRUCTION OF CHIMERIC IN "THE COUNTRY OF CHIMERAS"
(FANTASTIC SHORT STORY)", BY MACHADO DE ASSIS

Adelaide Caramuru César¹

Marcelo Castro Andreo²

RESUMO: Este trabalho analisa a constituição dos elementos fantásticos no conto “O país das quimeras (conto fantástico)”, de Machado de Assis e a motivação da personagem principal para realizar a sua excursão milagrosa. A narrativa de segundo nível, que tem como cenário o País das quimeras, adiciona às referências mitológicas, a obra cômica do século dezoito “O Hissope”, de Antonio Dinis de Cruz e Souza. O narrador do conto expõe a difícil vida de Tito, o protagonista, e o meio pelo qual ele procura suplantar suas adversidades: a duplicação de seu mundo, através da fantasia ou do sonho, em outro, o reino do Gênio das Bagatelas, onde a sua existência encontra sentido e as suas deficiências são parcialmente superadas. A análise do conto será realizada por meio da discussão sobre a ilusão metafísica definida pelo filósofo francês Clément Rosset e do estudo do fantástico empreendido pelo teórico búlgaro Tzvetan Todorov.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Literatura. Fantástico. Maravilhoso. *O Hissope*.

ABSTRACT: This paper analyses the constitution of the fantastic elements in the Machado de Assis fantastical short story "O país das quimeras (Chimeras country)" and main character's motivations to perform his miraculous excursion. The second level narrative, which is situated in Chimeras country, adds references from Greek and Roman mythologies and from Antonio Dinis Cruz e Souza's heroic and comic poem "O Hissope". The narrator of the short story exposes the hard life of Tito, the protagonist, and the means by which he seeks overcome their adversities, the duplication of their world in another through fantasy or dream, the kingdom of Gênio das Bagatelas (genie of the trifles), where their existence finds meaning and his shortcomings are partially solved. The short story analysis will be achieved through the discussion about the metaphysical illusion defined by French philosopher Clément Rosset and the fantastic as described by the Bulgarian theorist Tzvetan Todorov.

KEYWORDS: Machado de Assis. Literature. Fantastic. Wonderful. *O Hissope*.

Introdução

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: accezar@sercontel.com.br

² Doutorando em Estudos Literários - Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: marceloandreo.uel@gmail.com

O conto "O país das quimeras" foi publicado por Machado de Assis no ano de 1862, n'*O Futuro*. Posteriormente ganhou o nome de "Uma excursão milagrosa" e foi republicado com alterações no *Jornal das Famílias*, de abril-maio de 1866. Este artigo terá como base, a primeira publicação, disponível na coletânea de 2003, organizada por Djalma Moraes Cavalcante, publicada pela Editora UFJF.

Iniciaremos com o breve resumo do conto, para, em seguida, verificarmos como Machado procedeu para justificar a motivação do personagem Tito para realizar uma viagem (definitiva e drástica ou temporária e amena) e dar início à trama, e posteriormente, seu procedimento para criar a atmosfera do maravilhoso em seu conto. Apesar dos propósitos satíricos de Machado, não serão analisadas as alegorias presentes no conto. Ater-nos-emos ao conteúdo do maravilhoso e fantástico do referido conto.

Nesta narrativa, temos o protagonista Tito, um poeta pobre e sonhador, que foi rejeitado por uma moça e que tem de pôr sua pena ao serviço de um capitalista, para fazer frente ao próprio sustento. Desaminado pelas dificuldades pelas quais é obrigado a atravessar, recebe a súbita visita de uma sílfide que o convida para uma viagem. Logo sobem aos céus para que Tito conheça o País das Quimeras. O dirigente daquela nação, o Gênio das Bagatelas, vive cercado de mesuras. O não-cumprimento do protocolo de reverências pode acarretar ao visitante várias punições. Tito descobre que é neste país onde são decididas as ideias que dirigirão os atos dos seres humanos e onde é feito um importante componente do cérebro de muitos indivíduos sobre a terra, aqueles que "vivem com as verdadeiras disposições do nosso país [o País das Quimeras] (ASSIS, 2003, p. 55)"³: tal substância é a massa quimérica. A certa altura do passeio, quando encontra uma outra sílfide, a Fantasia, tudo se desvanece e ele cai do espaço até a terra, e da atmosfera para o chão, sem nenhum dano, a poucos passos de sua casa.

Machado indica ao narratário, no corpo deste conto, a sua inspiração para a excursão milagrosa ao País das Quimeras. Trata-se de uma obra chamada "O Hissope", de autoria do português Antônio Dinis de Cruz e Souza (1731-1799). Este autor é nomeado no texto de Machado ora como Dinis, ora com o pseudônimo de Elpino (Elpino Nonacriense). Nesta obra, Diniz utiliza a linguagem épica para criar

³ Os textos em aspas, seguidos da numeração da página de onde foram extraídas, com exceção de palavras isoladas e dos identificados com o nome do autor e ano de publicação, são citações do texto de Machado de Assis.

Um poema heroico-cômico de inspiração iluminista, no qual critica futilidades e vãs disputas clericais, o relaxamento moral dos religiosos, o destempero que os caracterizava e a sua ignorância. Diniz também critica o “francesismo” dos clérigos, o seu constante apelo à filosofia e à teologia escolástica, as tendências barrocas e fanfarrice dos clérigos poetas e o purismo estéril dos gramáticos e canonistas. Tais elementos, em conjunto, são reunidos pelo autor e consistem uma crítica vigorosa de influência humanístico-racional (KIBUUKA, 2008, p. 2).

Alguns dos personagens que Tito encontra no país das Quimeras são os mesmos que Dinis havia colocado em seu Hissope: o Gênio das Bagatelas, Senhora e a Excelência, divindades que, num plano divino acompanhavam as disputas entre um deão e um bispo (KIBUUKA, 2008, pp. 3-4). Os dois últimos são descritos como “duas criaturas empertigadas, que se haviam aproximado do poeta, voltaram-lhe as costas, encolhendo os ombros e deitando-lhe um olhar de través com a maior expressão de desdém e pouco caso”.

Assim como Dinis, Machado usa atributos como se fossem nomes próprios: além dos já citados “Senhoria” e “Excelência”, onde Dinis usa Lisonja e Discórdia, por exemplo, Machado utiliza os nomes Utopias, Quimera e Fantasia, mais adequados aos seus propósitos. Se "O Hissope" usa da pompa da poesia épica para criar um efeito cômico, Machado no conto, serve-se dos efeitos literários do maravilhoso com a mesma intenção irônica.

Para trazer o espírito do maravilhoso para o seu conto, o autor contou com recursos já testados com sucesso na história da literatura e precisou fazer duas coisas: a) justificou a ida do personagem ao reino suprarreal em aspectos da sua personalidade e nos acontecimentos recentes de sua vida; b) recheou seu conto, aqui e ali, da "matéria quimérica", dos elementos que, historicamente, compõe a Ambientação do maravilhoso. Com estas duas ações tomadas, o narrador pôde se dedicar à exploração do sobrenatural com fins humorísticos, assim como Dinis havia feito com seu poema.

1 O Motivo de ir a um país de quimeras

O narrador em terceira pessoa, apresenta, de forma linear, o protagonista, seu caráter fantasioso e as motivações que o levariam a querer partir de sua casa. Essa apresentação será a justificativa para o aparecimento de um "outro-lugar" neste conto, para onde se deslocará a história. O conto se inicia com as rumações de Tito. Ele divaga sobre qual é a melhor forma de viajar, se por terra ou por mar, e lembra a opinião

do político e escritor romano Catão, que diz ter sido preferível fazer por terra as viagens que tivera feito por mar. E, como divagação que se preze, não sai do lugar, pensa que a viagem por terra é cheia de perigos e deve ser evitada.

Tito está insatisfeito com o rumo de sua vida. Conforme a descrição que dele faz o narrador, era bonito da cintura para cima e tinha um rosto de anjo que agradaria as moças dos 15 aos 20 anos. No entanto, seus pés e pernas tortos não o deixavam completar o belo quadro que seu rosto fazia supor. Era como se Deus lhe tivesse dado a beleza somente pela metade, a suficiente para que dela ele não tivesse nenhum desfrute e, na outra metade, o suficiente para que ele pudesse se lamentar pela injustiça da vida.

Suas outras motivações são apresentadas por meio de duas analepses. Na primeira delas, a sua desejada e admirada garota, a quem ele havia se declarado na esperança de ser correspondido, dispensou-o com extrema rispidez, lembrando-o de sua falta de alinhô, um eufemismo amargo para sua deficiência. E, na segunda analepse, como se não bastasse o seu problema amoroso, descobrimos que sua infelicidade também se estendia ao bolso e, seus dons de poeta, que deveriam pairar acima da cobiça e concupiscência secular, tiveram por isso que ser comercializados: Tito vendia os seus versos a um amante da poesia que, incapaz de escrever seus próprios poemas, contentava-se em simular que todos os novos versos de Tito produzidos depois desse contrato, eram de sua autoria.

As analepses do texto evidenciam que o personagem não teve êxito na empreitada amorosa e nem na literária. E a descrição que o narrador faz de Tito mostra que sua pobreza e sua aparência não lhe permitiam obter as alegrias deste mundo. Como não desejava uma solução drástica e sanguenta, convinha a Tito tomar alguma distância do palco de suas desventuras: decididamente, neste país, na sua cidade do Rio de Janeiro, tal como ela se mostrava a Tito, poucas esperanças lhe eram possíveis. Nem a beleza nem o dinheiro seriam alcançáveis ali, na província. Quiçá mais longe, onde as viagens por terra e mar seriam insuficientes para dar conta da enorme distância. A realidade atual não oferecia sentido algum, ou pelo menos sentido algum que lhe conviesse.

Se para Tito o seu lugar era incapaz de oferecer o alívio que necessitava, deveria haver um outro recanto que lhe trouxesse esse lenitivo. Se este mundo carece de sentido e de justiça, a solução é procurar o sentido e a justiça em outro lugar. Um problema que não era exclusividade de Tito, e sim de boa parte do pensamento filosófico. Da mesma

forma que ele, filósofos tentaram entender o mundo e não foram capazes de encontrar nele nem alívio, nem justiça, e, muito menos, sentido. Existia a ideia de algo melhor, mas não estava ao alcance das mãos. Para Rosset (2008, pp. 57-82), a tônica da filosofia ocidental deste Platão foi a de que o mundo atual, o "mundo-aqui" como a ele se refere o filósofo, não consegue gerar o seu próprio sentido, a sua própria razão de ser: é demasiado caótico, demasiado imperfeito, demasiado problemático e sobretudo, demasiado insatisfatório. À vista do metafísico que analisasse este mundo pelo que ele apresenta aos sentidos, este não teria muito em si próprio que demonstrasse que possuía uma estrutura racional, ou pelo menos, racionalizável, para explicar seus mecanismos misteriosos. São intempéries que destroem colheitas cuidadosamente planejadas, riquezas e reinos que desmoronam depois de terem alcançado a glória em longevas dinastias, os navios que "nem deus afundaria" e são afundados por icebergs e fronteiras que se movem dentro de um único século. Em suma, pouca estabilidade de onde se possa retirar definições desejavelmente estáveis para que se elaborasse um sistema doador de sentido à experiência humana.

Na ausência desta razão de ser neste "mundo-aqui", os filósofos, seguindo a tendência platônica a colocavam em um "outro-lugar", mais estável e à salvo da corrupção deste mundo. Rosset nos diz que este outro mundo, para onde são levados todos os desejos não saciados, a felicidade não tida e, ademais, as essências permanentes do ser, é uma cópia do mundo atual. Embora seja uma imagem em espelho deste mundo sempre mutável, este lugar-imagem não pode captar o movimento que caracteriza o real, pois assim tudo o que nele se projetou em termos de expectativa de imutabilidade, serenidade, estabilidade e racionalidade não se realiza. Se ele for uma imagem exata do real, padecerá dos mesmos problemas e a insatisfação terá de ser resolvida criando-se um outro-lugar, de forma ininterrupta e sem sucesso.

O País das Quimeras, como o espelho do mundo real com os problemas de Tito resolvidos, não se estabelece. Como espelho, um mundo ideal que reflita a imagem em movimento não pode oferecer o porto seguro que o poeta ou o filósofo deseja. Como esperar que seja perfeito um local que é a imagem de uma fonte corrupta? Se a fonte da imagem é corrupta, também há de ser essa imagem. O platonismo, e a metafísica em suas diferentes formas, superou este problema postulando uma inversão: não seria o outro mundo a cópia deste, e sim o contrário. A imagem é sim, corrupta e indigna de confiança; porém, a sua fonte, o objeto que se reflete é puro, estável e racional. Ele não

seria como o espelho que capta todo o movimento do real; antes uma captura de instantâneos assim como uma fotografia, que congela átimos do real no presente eterno, o sonho metafísico. Logo, a solução do metafísico é fazer com que este “mundo-aqui” passe para a condição de cópia daquele “outro-mundo”. Aquele sim, estável e racional: o mundo das ideias, ou das Quimeras, se consideramos o conto de Machado.

A viagem de Tito ao país das Quimeras não é uma compensação pura e simples, na qual ele encontraria em outro local as coisas que não teria em sua vida real. Qual seria a lógica da compensação? A se deduzir do texto de Machado seriam duas: a) ter a beleza por inteiro b) conquistar sua amada e c) estar livre da necessidade de vender a sua arte.

Lá chegando, a ordem dos eventos não confirma que a postulação de um outro mundo, lhe proporcione a satisfação dos desejos. Ele não se torna belo nem importante. Ao ser recebido naquele país, é solicitado a indicar qual o pronome de tratamento que deveria ser usado para si, de modo que lhe indicassem um cicerone que fosse apropriado. Disse que poderia ser chamado por Vossa Mercê (o mais simples e coloquial tratamento) e lhe coube então o cicerone menos provido de status. Não é desejado pelas moças, apesar do tratamento afetuoso que recebe das mocinhas denominadas quimeras e utopias; ao invés de encantar alguém, é Tito quem novamente se encanta, agora pela Fantasia, sua companheira de todos os dias, materializada em uma jovem loira. Em nenhum momento se diz que ele ficará livre de trabalhar e vender suas poesias para se sustentar.

A posição que, portanto, se coloca para Tito é a de que não há compensação para seus problemas terrenos, cariocas e oitocentistas. Pelo menos, não no que se refere a conseguir em um outro lugar aquilo que ele não pode encontrar aqui. A compensação, de outro modo, opera na forma de um escape, que procura dar sentido à experiência ordinária da vida do personagem: o País das Quimeras não é o lugar de realização dos desejos, mas o local onde se gera o sentido das coisas. É no País das Quimeras que Tito descobre de onde saem as ideias que preenchem o cérebro de pessoas que, assim como ele, têm na fantasia, na elucubração e na utopia a tônica de suas vidas. É lá que Tito descobre, inclusive que, na despensa real, os cozinheiros estavam "ocupados em preparar massa cerebral para um certo número de homens de todas as classes: estadistas, poetas, namorados, etc.; (p. 54)". Tito descobre que esta massa que eles preparam tem um destino certo: "[...] aqueles que, no seu planeta [o de Tito] vivem com verdadeiras

disposições do nosso país [o das Quimeras]" (idem), ou seja, seus assemelhados sonhadores de todos os lugares.

2 Ambientação

Uma vez encontrada a motivação de Tito para realizar a sua viagem para o sítio onde ele pôde encontrar o sentido para sua vida de sonhador, é preciso entender como o autor procede para criar a atmosfera do maravilhoso que redundará na sua viagem ao País das Quimeras. O procedimento se dá em dois momentos: o da preparação e o do maravilhoso propriamente dito. Os elementos utilizados para criar a atmosfera, tanto na preparação quanto no maravilhoso são os da antiguidade clássica, da mitologia greco-romana, da mitologia medieval, da magia, da bíblia e do oriente exótico. Na preparação, esses elementos surgem primeiro como sugestão ou retórica, salpicando nomes e ocorrências na primeira parte do texto (a “terrestre”); e no maravilhoso, estes elementos são postos de forma concreta, com as imagens que realmente aparecem no País das Quimeras.

Quando da preparação, tem-se as metáforas e as comparações com alguns dos elementos colocados logo acima: o narrador nos diz que Tito divaga a respeito das viagens de romano Catão; que Tito tem um perfil do general ateniense Alcibíades; que os “carinhos de Anfitrite” (p. 48), uma deusa grega do mar, são “raivosos”, para indicar os perigos de uma viagem marítima devidos figurativamente aos caprichos dessa deusa; Tito vendia “as produções da sua musa” (p. 49), figura também grega. E esse era um “negócio da China” (p. 48); sempre lhe vinha à lembrança a dor que sentiu com a rejeição da filha de um capitão de milícias, que acreditava nos “programas políticos e nas cebolas do Egito” (p. 50), em outras palavras, de que “antigamente” tudo era melhor. Tal dor era tão recorrente que parecia a prática egípcia de mandar “pôr um sarcófago no meio de um festim, como lembrança de que a vida é transitória, e que só na sepultura existe a grande e eterna verdade”. E quando esteve em febre, depois da recusa da amada, foi salvo com a ajuda de “uma velha da vizinhança, que conhecia o segredo das plantas virtuosas” e que com isso “adquiriu mais um título à reputação de feiticeira” (p. 50). A preparação se encerra no exato momento em que lhe surge a sílfide, que lhe conduzirá até o palácio do Gênio das Bagatelas:

Uma criatura celestial, vaporosa, fantástica, trajando vestes alas, nem de panos, nem de névoas, uma coisa entre as duas espécies, pés alígeros, rosto sereno e insinuante, olhos negros e cintilantes, cachos louros do mais leve e delicado cabelo, a caírem-lhe graciosos pelas espáduas nuas, divinas, como as tuas, ó *Afrodita!* [grifo meu] (p. 51).

No seu voo para o reino do Gênio das Bagatelas, Tito percebe que a tempestade que antes assolava o seu bairro, desaparece por “encanto”. Já se está plenamente no maravilhoso: ele voa, contrariando as leis da física, assim como contraria o fato de que o ar não está rarefeito como ele supunha que deveria estar. Ainda tem-se uma metáfora, a da “Vênus, mais pálida e loura que de costume” (p. 52) para o planeta Vênus, depois retorna-se à concretude das imagens, própria do maravilhoso. O País das Quimeras lembra “a poética Istambul ou a poética Nápoles” (p. 53) e sua arquitetura é a soma de “todas as ordens arquitetônicas, sem excluir a chinesa”, belezas e magnificências de lugares distantes que fazem o espetáculo ao viajante. Tudo é suntuoso neste país “para onde viaja três quartas partes do gênero humano [...] não se acha consignado nas tábuas da ciência”. Seus fidalgos são acompanhados por pavões e vestiduras de escarlate” (p. 53).

As mocinhas belas, frescas e loiras que ele lá via eram as Utopias e as Quimeras. A palavra “utopia” foi criada por Thomas Morus, para o seu livro de mesmo nome, de 1516. Etimologicamente significa “não-lugar”, possivelmente em função de que seria um lugar exemplar, incrível e por isso mesmo não existente (ECO, 2013, p. 305). E a quimera é uma figura da mitologia grega, “um monstro cuspidor de fogo composta de um leão, uma cabra, e um dragão” (ALLEN, 2008, P. 40). O nome também é utilizado alegoricamente para indicar uma ideia fantasiosa, impossível, ridícula. No dicionário Priberam (2013)⁴, quimera é “coisa resultante da imaginação: fabulação, fantasia, ilusão”. As ninfas quiméricas e utópicas, como se depreende desde o início do texto são amigas inseparáveis da vida do poeta Tito. Tanto que ouvia de “cada uma delas uma expressão muito usada nos bailes de máscaras: Eu te conheço!” (p. 54).

No conto de Machado, elas têm as formas jovens e femininas fazendo alusão às Ninfas da mitologia grega, e nelas o autor lança mão do artifício de nomear um indivíduo com uma qualidade, tal como seu inspirador Dinis havia feito n’O Hissope. A

4 "quimera", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008 - 2013, Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/quimera>>. Acesso em 16-01-2014].

intertextualidade de Machado se mostra novamente quando o próprio Tito lembra do “Hissope” quando vê “a Moda, cercada de suas trezentas belas, caprichosas filhas” (p. 55). A rainha Moda, esposa do Gênio das Bagatelas, tem ao seu lado um *psyché*, um espelho para o qual se olha e se admira de si mesma. *Psyché* é o nome grego para alma, e a imagem da Moda não pode ter outra qualidade que não a evanescência da alma. E as modas novas, personificadas nas filhas da rainha, estavam se “arranjando, para vir a este mundo substituir as antigas” (p. 55).

Igualmente feminina e loira é a Fantasia, “companheira desvelada dos que pensam e dos que sentem” (p. 57), que entrelaça os dedos com a Utopia até que suas figuras vão se tornando diáfanas até desaparecerem. Tal como a massa quimérica que Tito teve a oportunidade de pôr as mãos (tão logo a tocou ela desapareceu como fumaça). No seu retorno à Terra, o oriente desconhecido ainda é utilizado para perpetuar a sensação de estranheza: depois de uma queda acelerada em direção à terra, Tito pensou se desceria sobre a Sibéria ou a China, pois, como na literatura fantástica logo anterior e contemporânea à Machado, a ideia do Oriente estava associada a um local de muitos mistérios.

Ao retornar para seu mundo, tudo está como antes. O que mudou para si foi somente a percepção, que se tornou mais aguçada e capaz de perceber o quanto de massa quimérica havia nas pessoas ao seu redor.

No início do artigo, havíamos falado do conteúdo do maravilhoso e do fantástico no conto. Além das enumerações de ingredientes comuns aos contos maravilhosos, Machado deixa para o final uma leve ponta de incerteza quanto à experiência do personagem Tito. O conto nos leva a crer que tudo não passou do sonho do protagonista. Ele caiu, em pé, sem choques e sem se estraçalhar no chão, a poucos passos de casa, algo sobrenatural e, se não explicado, maravilhoso. Em seguida, entrou em sua casa e se pôs a dormir. Apesar deste sono ao final do conto, o narrador não afirma categoricamente que toda a excursão milagrosa tenha ocorrido apenas na cabeça do personagem.

Mesmo que Machado quisesse que interpretássemos o conto como se tivesse uma explicação racional (o “estranho”, na definição de Todorov), ele não cria o desfecho enfaticamente para dar esse resultado ao narratário. A vela estava terminada quando Tito retornou a sua casa e deitou-se. O tempo de um breve passeio, se consideramos que sua viagem de ida e volta foi numa velocidade espantosa. Não há a

palavra “acordou” ou “despertou” e em parte nenhuma do texto há qualquer referência ao seu possível sonambulismo. O final está aberto à incerteza, o que, no dizer de Todorov, caracteriza o “fantástico. O leitor não sabe ao certo se deve escolher uma explicação sobrenatural para o que acabou de ler (e que caracterizaria o Maravilhoso) ou outra, racional (que caracterizaria o Estranho). Encontra-se portanto, na hesitação entre as duas explicações, e assim aloca-se no terreno do Fantástico (TODOROV, 2010, p. 31). O narrador de Machado deixa a responsabilidade e a angústia dessa escolha entre o sonho de compensação e a viagem maravilhosa ao narratário.

Seguindo as trilhas de suas leituras de Poe e Hoffmann, Machado decidiu deixar o final sutilmente aberto. Dinis havia utilizado das formas do poema épico para levar à cabo sua sátira do clero de sua época; Machado, por sua vez, do conto fantástico do século dezanove.

Conclusão

Inspirado em uma obra satírica portuguesa, Machado de Assis escreveu o conto “País das Quimeras”. No poema heroico-cômico de Dinis havia uma duplicidade e as rugas do mundo real se repetiam no plano divino, como um Camões a tornar épica uma viagem pela constante alusão ao Olimpo. Machado opta por materializar seus deuses, e colocá-los em algum lugar onde eles sejam mais do que figuras de retórica. Ainda que o final do conto dê a entender que se trata de um sonho – mas não deixe isso claro o suficiente para que se tenha uma opinião conclusiva, como na definição de fantástico de Todorov – enquanto tudo acontece com e diante de Tito, não há dúvida quanto à tangibilidade dos eventos. Os deuses do Olimpo de Tito não são apenas poesia.

Para construir sua sátira política (que em Dinis, por sua vez, era anticlerical), Machado precisou moldar sua própria massa quimérica: recheou seu conto com referências próprias do imaginário ocidental, presentes tanto em obras clássicas como o épico *Os Lusíadas* quanto nos seus autores europeus de data mais próxima a ele mesmo. Com esta massa, semeou e colheu a atmosfera maravilhosa de um país distante e desconhecido. Além disso, criou em seu personagem uma necessidade, a de viajar para longe do insatisfatório cotidiano. Tendo feito de Tito um grande fantasiador, criou para ele um destino mais distante e improvável, o não-lugar (utopia), o impossível (quimera) e fez dele o doador de sentido para o mundo atual.

Esse outro-lugar às vezes toma a forma do mundo futuro, do desejo; do mundo passado, da nostalgia da mítica idade de ouro. E na ficção, pode ser um modesto pedaço de mundo: um planetinha aqui, uma ilha nos confins do mundo, um universo paralelo no qual é dado ao leitor apenas uma fração minúscula de modo que nem se poderia chamá-lo de universo. Ou um reino acima das nuvens, como o do Gênio das Bagatelas, para onde a fada carregou Tito: bastante limitado em extensão e que, embora não tenha resolvido os problemas do protagonista, lhe deu a habilidade de calcular o quanto de fantasia e possível sonho poderia constituir o íntimo de seus conterrâneos. Um final machadiano destinado sempre a surpreender o leitor.

Bibliografia

ALLEN, J. Romilly. Lecture VI: The medieval bestiaries from early christian symbolism in Great Britain and Ireland before the thirteenth century (the Rhind lectures in archaeology for 1885) In: **bestiary.ca/etexts**. 2008 - <http://bestiary.ca/etexts/allen1887/allen%20-%20medieval%2.0bestiaries.pdf>
CAVALCANTE, Djalma Moraes (org.). **Contos completos de Machado de Assis**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online), 2008-2013. Disponível em: <http://www.priberam.pt/DLPO/quimera>. Acesso em: 16 jan 2014.

ECO, U. **Histórias das terras e lugares lendários**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

KIBUUKA, Brian G. L. O Hissope: CRÍTICA E INTERTEXTUALIDADE NA OBRA DE ANTÓNIO DINIS DA CRUZ E SILVA. In: **Labirintos**: revista eletrônica do núcleo de estudos portugueses nº 08 - 2010. Disponível em: http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2010/07_artigo_brian_gordon_lutalo_kibuuka.pdf. Acesso em: 14 jan 2014.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O País das Quimeras (conto fantástico). In: CAVALCANTE, Djalma Moraes (org.). **Contos completos de Machado de Assis**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

ROSSET, C. **O Real e seu duplo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2010.